

AS RELAÇÕES ENTRE O BRINCAR E A MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DE UMA NOVA CONCEPÇÃO DE SUJEITO

Igor Guterres Faria¹

RESUMO: Este estudo é parte integrante do projeto de pesquisa de iniciação científica (PIBIC) *As relações entre o brincar, a constituição da subjetividade e a entrada da criança na escrita*, que está em andamento, na Universidade Federal de Goiás. O projeto de iniciação científica está vinculado ao projeto de pesquisa *Em torno da letra: leitura, escrita e transmissão*. Desde 1995 há um grupo na Faculdade de Educação/UFG que vem pensando uma teoria da linguagem, a partir do referencial da psicanálise (Freud e Lacan), em que vários estudos foram desenvolvidos, pensando não somente a entrada da criança na linguagem, mas também as implicações linguagem e arte, linguagem e clínica psicanalítica, linguagem e literatura, entre outros. A partir de 2010 comecei a fazer parte da história desse grupo, no qual interessei-me, principalmente, pelo referencial teórico, e escolhi para buscar compreender questões que trouxe comigo após a experiência como educador estagiário na Creche da Universidade Federal de Goiás, reconhecida como um importante espaço de Educação Infantil. A partir do referencial teórico proposto pela psicanálise, este trabalho pretende pensar a radicalidade incluída nos dizeres segundo os quais “a linguagem constitui o sujeito”, e a partir disso tentar-se-á discutir a importância do brincar, do brincar com música na educação infantil, e também o processo de musicalização, no desenvolvimento e constituição da criança, colocando em questão as teorias vigentes, com base no cognitivismo, que estão nos documentos que orientam a prática pedagógica na educação infantil. Trata-se de um trabalho eminentemente bibliográfico. No entanto, os dados coletados em pesquisas anteriores bem como a prática cotidiana, e uma experiência anterior como educador estagiário na Creche/UFG, podem tanto lançar luzes quanto “fazer cair” a teorização pretendida e abrir caminho para novas pesquisas, tanto teóricas quanto experimentais.

Palavras-chave: Educação Infantil. Música. Brincar. Psicanálise.

1. Introdução

No projeto político-pedagógico da Creche/UFG e nos documentos que orientam a prática pedagógica na educação infantil, sobretudo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), o brincar é considerado como algo essencial para o desenvolvimento, o aprendizado e a socialização da criança. Esses momentos em que as crianças brincam são bastante significativos, pois podemos perceber como elas constituem seus sentimentos, ideias, conflitos e apropriam-se da cultura e dos mais diversos signos sociais.

¹ Acadêmico do curso de Pedagogia, UFG (guterres.igor@gmail.com)

Para Vygotsky (1998) o brincar é uma atividade social em que a criança constrói e reconstrói simbolicamente a realidade, representa o existente e apropria-se do mundo. O infante aprende a brincar com os sujeitos culturalmente mais experientes (pais, família, professores), portanto, não nasce brincando. Então, surge aqui uma de nossas questões: será que o brincar é inerente a esta fase? Será que é algo espontâneo? Ou será um efeito da interação? Ou será, ainda, que podemos atribuir a essa atividade um papel constitutivo, de que linguagem constitui subjetividade?

A música acompanha a história da humanidade e está presente em diversos momentos da vida do sujeito, dos povos, das culturas ao redor do mundo, desempenhando as mais variadas funções. Há, por exemplo, músicas para dançar, para protestar, para relaxar, para as festividades, como o carnaval, e também para brincar. Desta maneira, segundo o RCNEI (1998), a música remonta à sua função ritualística, seguindo os costumes que respeitam os momentos próprios de cada manifestação musical. Nesse contexto a criança está, desde sempre, em contato com as diversas manifestações musicais.

Assim como o brincar, a linguagem musical também é considerada importante nesse processo de desenvolvimento da criança, contribuindo nos aspectos afetivos, sociais e cognitivos, articulando-se à brincadeira, no que diz respeito à aprendizagem de músicas, cantigas e brincadeiras de roda, aos brinquedos cantados, jogos de mão, manuseios de instrumentos etc.

Nogueira (2004) contribui afirmando que, quando uma criança brinca de roda, por exemplo, ela tem a oportunidade de vivenciar, de forma lúdica, situações de perda, de escolha, de decepção, de dúvida, de afirmação. Para Brito (2003) a criança é um ser “brincante” e, brincando, faz música, pois assim se relaciona com o mundo que descobre a cada dia. A criança “descobre” materiais sonoros, “descobre” instrumentos musicais, inventa e imita melodias. A autora afirma ainda que o processo de musicalização dos bebês e crianças começa espontaneamente, de forma intuitiva, por meio do contato com toda a variedade de sons do cotidiano, incluindo aí a presença da música (BRITO, 2003).

O que se espera do trabalho com música nas instituições de educação infantil, de acordo com o RCNEI (1998), é que a criança possa desenvolver-se de maneira que sejam respeitados os seus modos de perceber, sentir e pensar, em cada fase, contribuindo para a construção significativa da linguagem musical, a partir da qual a

criança vivencia, reflete sobre questões musicais, desenvolve habilidades, formula hipóteses e elabora conceitos.

A partir dessas afirmações podemos tirar alguns questionamentos, como: o sujeito constrói e reconstrói, de fato, a sua realidade? A brincadeira, o processo de musicalização são processos espontâneos ou não? Se não são espontâneos, qual a relação de interação que ocorre para que o sujeito aprenda?

As teorias cognitivas, que orientam os documentos supracitados, separam o ato de brincar da criança da linguagem, ou seja, consideram que o brincar e a linguagem ocorrem em momentos distintos, ou ainda, que o brincar ocorre primeiro, para que depois a linguagem possa acontecer. Na contraposição dessa concepção, para nós, o brincar já é a própria prática linguageira. Então, o que podemos colocar em questão sobre o brincar, o brincar com música, a partir da concepção teórica vigente, é a posição do sujeito, como se estivesse de fora da linguagem, a posição do sujeito epistêmico, que constrói e reconstrói sua realidade como se estivesse no controle desse universo simbólico.

Segundo Vorcaro, ao brincar a criança constitui um discurso lúdico/motor no qual ela assume sentidos e lugares, muito antes de ela dominar a língua e falar em seu próprio nome. Ao brincar, ela transpõe a posição de termo operado pelo Outro para a de jogador, se destacando sujeito (VORCARO, 2006) Nesse sentido brincar já é linguagem. A ideia que se tem é que a criança primeiro adquire a linguagem, como se fosse algo externo a ela, e a partir daí, considera-se que já tenha uma certa autonomia para construir sua realidade. No entanto, ela já é um ser de linguagem, constituída nela e por ela; o seu corpo vai sendo tomado pelas representações simbólicas.

Podemos entender que o brincar, ou mesmo o processo de musicalização, não se dá de forma espontânea ou natural. O sujeito é constituído pelo Outro, e nesse processo são transmitidas heranças culturais, em que ele poderá encadear significantes para formar algo novo. Assumir esse sujeito submetido à linguagem talvez seja menos determinismo do que aceitá-lo, desde o início, como um sujeito cognoscente e autônomo, pois neste referencial, na perspectiva da psicanálise, poderá haver, de fato, um lugar para se pensar a singularidade, as diferenças e o processo de criação, ou seja, a possibilidade de criação como criação simbólica.

2. Metodologia

Trata-se de um trabalho eminentemente bibliográfico. No entanto, os dados coletados em pesquisas anteriores bem como a prática cotidiana, e uma experiência anterior como educador estagiário na Creche/UFG, podem tanto lançar luzes quanto “fazer cair” a teorização pretendida e abrir caminho para novas pesquisas, tanto teóricas quanto experimentais.

3. Referencial teórico

Nesse estudo, além do trabalho de leitura e interpretação da bibliografia vigente, busca-se, pôr em questão o processo de causação de um sujeito, embasado pelos estudos de Lacan, Freud e seus intérpretes, como Vorcaro. O próximo passo é se concentrar nos estudos específicos de Freud (Escritores criativos e devaneios, Pulsão e destinos da pulsão, entre outros) e Lacan (Seminário 7). Um trabalho importante a ser perseguido é buscar implicar-se com os pontos de tensão que esses autores geralmente apresentam em suas obras.

4. Objetivos

A partir da discussão sobre as práticas educativas em que o brincar e o brincar com música são elementos fundamentais para a aprendizagem e o desenvolvimento humano e sobre as contribuições de Vygotsky e outros autores para tal tema, podemos buscar compreender como a brincadeira é importante para a constituição subjetiva (ela já é linguagem e constitui sujeito) e até mesmo como o brincar com música, no processo de musicalização, pode, de fato, interferir para a criação de algo novo no campo artístico. Em síntese: tentar-se-á pensar a radicalidade incluída nos dizeres segundo os quais “a linguagem constitui o sujeito”.

5. Conclusões

O que podemos apontar até agora sobre esse estudo é a possibilidade de esclarecer a contraposição entre este referencial da psicanálise e o referencial cognitivista vigente. Propõe-se a assunção do sujeito como sujeito de linguagem. A

partir disso pode-se tirar implicações sobre esta teoria e discutir sobre a importância do brincar na educação infantil, sobretudo, o brincar com música e o processo de musicalização de bebês crianças, no que diz respeito à constituição da subjetividade e a possibilidade de criações artísticas no trabalho com música.

6. Referências

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Vols. 1, 2 e 3. Brasília: MDE/SEF, 1998.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

CRECHE/UFG. **Projeto Político Pedagógico da Creche**. Goiânia, 2011.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

NOGUEIRA, Monique Andries. **A música e o desenvolvimento da criança**. *Revista da UFG, Vol. 5, No. 2, dez 2003*

VORCARO, Ângela. Brincar. In: LEITE, N. V. de A. (org). **Corporeidade: angústia, o afeto que não engana**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.